

# Venda de mogno rendeu aos índios US\$ 4 milhões em 91

**REDEÇÃO** — Os caiapós da reserva de 3,2 milhões de hectares no Sul do Pará venderam cem mil metros cúbicos de mogno no ano passado, segundo estimativa de funcionários de madeireiras. Se receberam o que combinaram, os chefes da cinco aldeias da reserva manipularam US\$ 4 milhões em 1991, o que daria para cada um dos três mil caiapós US\$ 1,33 mil por ano.



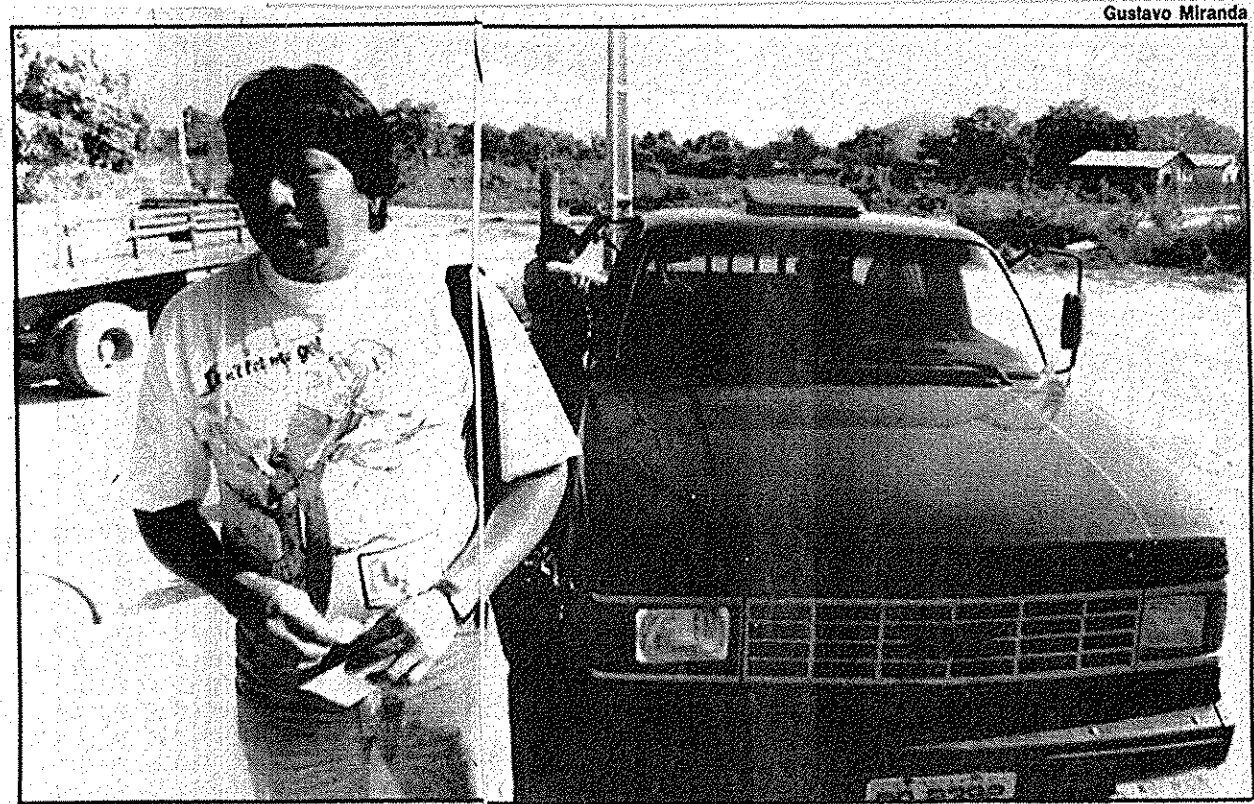
Além do dinheiro do mogno, os chefes faturaram também 15% do ouro retirado de suas terras, um quantia quase impossível de ser estimada.

O Sul do Pará exportou em 91 cerca de 90 mil dos 130 mil metros cúbicos de mogno cotados pelo Ibama para o país. A US\$ 450 por metro cúbico, só a exportação rendeu aos madeiros de Redenção US\$ 40 milhões no ano passado. Metade desse mogno foi fornecida pelos índios. A conta fica certa com a informação de que 50% do metro cúbico do mogno em tora são exportados. Dos outros 50%, metade fica com o mercado interno, que paga em média US\$ 200 pelo mogno de pior qualidade. A outra metade é perdida no beneficiamento.

Segundo o empresário Moisés Carvalho Pereira, que garante que todo o mogno beneficiado

em sua empresa, a Juary, é retirado em área própria, a madeira contribui com 33% da renda de Redenção, ficando o ouro com outro terço e as outras atividades com o último. Mesmo dizendo não comprar dos caiapós, ele defende a exploração nas terras indígenas "para normalização do mercado". Ex-garimpeiro e filho de garimpeiro, o empresário, de apenas 35 anos, é o retrato fiel do aventureiro bem sucedido.

Atualmente, a Juary tem uma grande área arrendada onde faz a extração da madeira. Investe há dois anos no reflorestamento, pretendendo plantar 60 mil árvores este ano.



Gustavo Miranda

O cacique caiapó Kubê-I e sua caminhonete: faturamento anual de milhões de dólares com a venda de madeira